

“GOTA DE ORVALHO, NA COROA DUM LÍRIO, JÓIA DO TEMPO”: ERICO VERÍSSIMO – TRAJETÓRIA, OBRA E QUESTÕES DE GÊNERO

ELAINE ROSA DE SOUZA*

A literatura surgiu em minha vida como a brincadeira de criança, a amiga de adolescência e a mestra da fase adulta.

Em 2005, com a defesa da dissertação de mestrado *Mas eu não escrevo um romance, conto-lhe uma história: As representações da masculinidade e a questão de gênero na Obra de José de Alencar (Rio de Janeiro - 1856-1875)*, comecei minha trajetória acadêmica pelos romances. Já no término do mestrado, o encontro com a cultura gaúcha me despertou a vontade de trabalhar com novas perspectivas e autores. Assim, surgiu o interesse por Erico Verissimo e sua obra *O Tempo e o Vento*.

Inicialmente, a problemática central de minha pesquisa se centraria na análise da masculinidade. Porém, no decorrer da pesquisa, observei a questão da construção do romance e sua relação com a trajetória pessoal do autor, e uma nova problemática rica e desconhecida surgiu. Começava, assim, um outro desafio, e o projeto inicial ganhava novos contornos, caminhos e inquietações. Destarte, o presente estudo tem como foco a produção da obra *O Tempo e o Vento* e a análise das relações de gênero do primeiro volume, intitulado *O Continente*.

Essas obras literárias constituíram a fonte de pesquisa sobre a época e sua sociedade. Sua importância como fonte de pesquisa se dá pelo fato de serem leituras feitas por Erico do passado Rio-Grandense, que tinham o objetivo de recontar a história de formação do Rio Grande do Sul de forma mítica, apresentando opiniões e observações do momento histórico, “uma das múltiplas possibilidades”.¹

O recorte temporal do estudo abrange o período em que Erico escreveu e publicou seu romance – entre os anos de 1947 e 1962 – e o tempo da narrativa do volume – de 1745 a 1895. Uma das problemáticas do trabalho reside na articulação entre história e literatura, observando como ambas constroem discussões sobre uma sociedade e, com isso, esboçam compreensões de todo um período histórico, assim como a visão de quem o presenciou, se tornando uma fonte para os historiadores.

Parte-se do pressuposto de que a literatura é um produto cultural da sociedade e precisa ser decodificada e desconstruída para resgatar suas próprias singularidades, propriedades determinadas, especificidades, intencionalidades subjacentes e positivities,² o que permitiria trabalhar com as representações sociais – “mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura”.³

Para o historiador, a questão da literatura como fonte leva em conta o fato de o autor, ao escrever, estar sujeito a tencionalidades de seu contexto histórico e literário. Com isso, seu texto se torna uma leitura subjetiva do momento, leitura essa que, ao ser analisada, traz para o debate uma das várias possibilidades de representação de uma determinada sociedade.

Não se deve mais entender o documento e todos os romances como expressão de verdade, uma vez que estes não são mais tidos como documentos que falam por si só.

A história mudou sua posição acerca do documento, ela considera sua função primordial não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhar no interior e elaborá-lo. Ela o organiza, recorta, distribui e ordena...⁴

“Na literatura há um complexo de maneiras diferentes de abordar a mesma vida local”,⁵ bem como há formas diversas de se trabalhar a questão da leitura de autores contemporâneos. Portanto, o pesquisador deve estar aberto às diferentes abordagens que terá de enfrentar, pois cada qual escreve a partir de suas impressões de uma mesma sociedade. Isso equivale a dizer que a obra de Erico tem seu olhar, e que este não é um espelho do olhar de outro autor de seu tempo. Daí advém o papel da literatura como documento histórico e o desafio do historiador de encontrar a melhor maneira de interpretar os romances e de travar o diálogo entre história, literatura, padrões, sensibilidades e tensões.

Os romances são ricos de representações, de tramas de relações amorosas e de tensões das relações de gênero. Nos escritos, os personagens masculinos e femininos se construíram e se apresentaram em contrapontos durante toda a obra, dando muitas vezes o tom do romance.

Os trabalhos mais recentes que incorporam uma abordagem de gênero⁶ buscam criar novas perspectivas de análise para as relações entre homem e mulher, descobrindo papéis sociais e possibilidades de reflexão, fugindo da masculinidade hegemônica – homem branco, heterossexual e dominante⁷ –, assim como da feminilidade submissa e passiva.

O campo da história vem passando por um conjunto de alterações. Isso tem levado a um questionamento acerca dos procedimentos de pesquisa, da revisão de conceitos fundamentais e da ampliação de objetos, temas e documentos. Nas últimas décadas, os estudos historiográficos, entre outras questões, enfocaram as mulheres, e nos anos 90 difundiu-se a análise de gênero e os estudos da masculinidade,⁸ que se ampliaram com novas possibilidades tanto no campo da pesquisa histórica como em outras áreas.

Os estudos de gênero criaram novas temáticas e análises metodológicas, enfoques e modos de análise inovadores que questionaram os paradigmas históricos tradicionais. Com isso, há uma descentralização dos sujeitos e a descoberta de novos horizontes, por meio de uma nova abordagem do objeto. O estudo de gênero vem ao encontro das novas tendências historiográficas, que questionam a visão de história como evolução linear, propondo temáticas extremamente abrangentes e dificuldades para definições precisas.⁹

Portanto, novas leituras, olhares e possibilidades surgiram para o historiador, ampliando seu campo de pesquisa e gerando novos questionamentos documentais. Nesse contexto, o masculino emerge tendo como referência o feminino. A análise de gênero ganhou espaço, e não mais se estuda a mulher isoladamente. Busca-se, agora, o enfoque das relações de gênero para que a análise possa ser mais completa. Os estudos de gênero possibilitaram ao historiador observar a sociedade de diferentes épocas por ângulos antes não imaginados, fazendo com que os personagens sociais ganhassem novos contornos.

Focalizar o gênero significa trabalhar com suas especificidades na construção do social, cultural e histórico. Fazem-se necessários estudos críticos dos estereótipos para se chegar à compreensão das relações de gênero em todos os seus aspectos, bem como da trama de poder e suas relações estabelecidas.¹⁰

Dentro das abordagens históricas que incorporam a categoria de gênero, ainda restam novas análises focando as relações de poder que se estabelecem entre o masculino e o feminino, observando as tensões que transitam nos múltiplos sentidos.

No processo de construção da feminilidade e da masculinidade, há focos criados e reforçados, tais como a associação do homem ao espaço público e ao papel de chefe, provedor e responsável pela condução da vida em família e em sociedade. Por outro lado, a mulher está ligada ao mundo do privado, à condição de rainha do lar e ao cuidado do marido, dos filhos e da casa. Uma releitura de ambos se fez necessária e uma nova fase do estudo de gêneros surgiu no sentido de contrabalançar a discussão, uma vez que as relações sociais se constituem no seio das relações de gênero. Nesse sentido, se apresenta o desafio de estudar sob essa perspectiva a obra de Erico Verissimo.

A emergência de outras histórias sugere a possibilidade de novos temas e objetos, formas de análise, metodologias e estilos diferenciados para o pesquisador. Levando em conta isso, optou-se por construir esta tese assentada na narrativa histórica.

Inicialmente criticada pelos historiadores, a narrativa histórica ganhou espaço a partir da década de 80. A ideia do “retorno” da narrativa nasceu com o historiador Lawrence Stone, em seu artigo *The revival of narrative*, publicado em

1979, no qual afirmava que os paradigmas da “história científica” vigentes entre o período de 1930 e 1970 começaram a ser vistos com uma certa desconfiança, já que, em anos de produção acadêmica, apresentaram resultados ineficientes em relação às suas expectativas iniciais.

Frustrada com os grandes modelos explicativos em voga até então, parte significativa dos historiadores teria se voltado, ao longo da década de 1970, a uma revalorização dos acontecimentos e da narrativa. Disseminava-se, no entender de Stone, a percepção de que não bastava ao historiador o rigor metodológico; era preciso que ele conferisse um determinado estilo à sua escrita, isto é, que ele soubesse não apenas contar, mas também saber como fazê-lo.¹¹

A produção historiográfica é determinada por princípios narrativos, na medida em que os elementos com os quais o historiador trabalha – mentalidades, sociedade, memória coletiva ou eventos pontuais – apresentam-se como personagens de uma trama.

Dos diversos tipos de estilo existentes, aquele que mais importa à história é o literário, mesmo porque a produção do historiador geralmente assume formas literárias. Assim, a maneira de lidar com o encadeamento de frases, com a retórica e com a divisão da narração são competências também do historiador.¹²

Diversos autores, como Hayden White e Dominick La Capra, entendem a história como o produto do trabalho do historiador, cujo texto compõe a própria *realidade*. Assim, o texto se refere a ele mesmo, e não a algo que está fora dele.

Dessa forma, a narrativa torna-se importante, haja vista que tem a capacidade de articular os traços da experiência temporal, isto é, o tempo só se mostra inteligível para o homem à medida que é pensado de modo narrativo. Daí a opção da construção da tese pela narrativa histórica, sendo a interlocução historiográfica e metodológica realizada em um contra-texto de rodapé.

O trabalho encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira, o Capítulo I - *Pra qualquer lugar. O mundo é grande* discute as relações de história, literatura e gênero, situando a produção do autor em seu contexto histórico.

Observa-se a infância e adolescência do escritor, suas referências familiares, questionamentos da infância e as relações com a família, amigos e sociedade.

Já o Capítulo II - *Cometi todos os pecados da imaginação* analisa a trajetória do autor, suas experiências determinantes para o amadurecimento do homem e a construção de sua masculinidade. Abordam-se a produção dos primeiros escritos, o período no internato, a separação dos pais, além dos elementos constitutivos da sua personalidade literária.

Por sua vez, o Capítulo III - *Magicamente, entrava na dimensão do romance* investiga a maturidade do homem e do escritor, assim como a produção de *O tempo e o Vento*. Ressaltam-se na sua trajetória o casamento, bem como o papel dos filhos, da mãe e do pai dentro do contexto da maturidade literária. Verifica-se a influência dessas personalidades em suas obras, o gosto pelas viagens e as reflexões que fez de sua vida. Discute-se como a inquietação literária dialoga com a infância e suas referências de memória para a construção do romance *O Tempo e o Vento*.

Na segunda parte, o estudo centra-se na análise de gênero. O Capítulo IV - *Seu coração era como um pássaro louco* discute a construção do feminino na obra. Nesse momento, observam-se as personagens de destaque Ana Terra e Bibiana Terra.

Por fim, o Capítulo V - *Buenas e me espalho!* aborda as relações de gênero e a representação da masculinidade em *O Continente*, que integra a obra *O Tempo e o Vento*. Trabalha-se com os personagens de maior destaque do romance – Capitão Rodrigo Terra Cambará, Bolívar Cambará e Licurgo Cambará –, em especial suas relações com a família, os amigos e a sociedade.

Observar as relações de gênero na obra de Erico Verissimo é o desafio desta pesquisa, que busca abrir caminhos para a discussão acerca das representações de masculinidade e feminilidade e suas contribuições para a formação da subjetividade do século XX e do Rio Grande do Sul, utilizando para tanto a narrativa histórica para a construção do texto.

Ao mesclar história e ficção, Erico constrói um retrato da história rio-grandense, seus personagens e sua tradição, com elementos ficcionais, referências históricas e familiares.¹³

Notas

* Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua há mais de dez anos na área de educação e pesquisa em História, com ênfase nos seguintes temas: história, masculinidade, gênero e literatura. E-mail: elaine.rsouza@rocketmail.com

¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

² Falar em positivities significa recuperar como foram criadas, recriadas, constituídas e reconstituídas, lembrando que essas obras foram produzidas a partir de determinadas práticas e projetos, por meio da vivência cotidiana de sujeitos sociais.

³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo, Brasiliense, 2003. p.237.

⁴ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. São Paulo, Forense, 1990. p.24.

⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p.152.

⁶ O interesse pela masculinidade tomou novas formas e contornos a partir da década de 90, gerando novas concepções e conceituações a respeito das relações de gênero e masculinidade.

⁷ ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; MEDRADO, Benedito (orgs.). Introdução. In: *Homens e Masculinidades: Outras Palavras*. Editora 34, 1998.

⁸ MATOS, M. Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. São Paulo, EDUSC, 2000.

⁹ MATOS, M. Izilda Santos de; FARIA, Fernando A. *Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

¹⁰ MATOS, M. Izilda Santos de. *Meu Lar é o Botequim: Alcoolismo e Masculinidade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2001.

¹¹ OLIVEIRA, Carlos Eduardo França de. Narrativa e conhecimento histórico: alguns apontamentos. In: *Histórica. Revista On Line do Arquivo Público de São Paulo*. n.15. São Paulo, 2006.

¹² GAY, Peter. *O estilo na história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

¹³ CHAVES, Flávio Loureiro. *O Tempo e o Vento: 50 anos*. Santa Maria, Ed. UFSM; Bauru: EDUSC, 2000.

Data de aceite: 20/10/2012

Data de envio: 18/11/2012